

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo  
depois disso  
deixa que vivam  
na natureza, sem  
o tal, o quê?  
por isso de um dia  
para o outro

Drummond  
O mundo  
está cheio de gente  
que não sabe  
o que fazer  
com a vida

DF  
LETRAS  
faz dez anos...

ORA  
faz dez anos...

A ousadia  
que deu  
bons frutos

# DF Letras.

# A N O S

**Pirajibana  
enfeitiça telegrafista  
de Salinas**

**A crítica e a crítica  
dos "comunicólogos  
de carteira"**

# O telegrafista de Salinas

□ JOSÉ ANTÔNIO PRATES

*A luz do morro,  
fulgurante, azulada ou  
esverdeada,  
movimentando-se,  
aumentando e  
diminuindo de  
tamanho, o povo todo  
vendo, tentando  
descobrir o que era,  
mas, ao mesmo tempo,  
desejando manter o  
mistério, me  
impressionava. Aquela  
luz praticamente  
desapareceu da Serra  
da Sinhaninha...*

Salinas sempre me pareceu uma linda cidade. Apesar das oligarquias que a dominaram e jamais valorizaram o potencial de seu povo e sua posição estratégica, aquela cidadezinha sempre me pareceu predestinada a um objetivo bem superior ao que insistiram em lhe reter seus dominadores de turno, de visão estreita e retrógrada.

O mercado antigo com seus arcos bem construídos e o engradamento do teto, de uma perfeição inimaginável, provam que Salinas possui, desde várias gerações, uma mão-de-obra caprichosa de altíssimo nível profissional. Em todas as construções contemporâneas podemos observar isto.

A produção agrícola, mesmo sem maiores recursos técnicos, pode ser qualificada de boa e de bom nível de produ-

tividade, malgrado minha terra natal estar situada em uma região bastante castigada pela seca.

A vocação culinária assemelha-se a uma religião naquele pedaço abençoado do planeta: a comida salinense não deixa nada a desejar à de qualquer lugar do mundo. E olha que eu falo por experiência vivida, em tantos lugares desse mundão velho de tantas porteiras (eu abri diversas em minha sina de caminhante por aí).

Os doces, pães e biscoitos de Salinas são inigualáveis. As quitandeiras de lá merecem estar nas melhores enciclopédias gastronômicas do mundo.

Como eu morria de saudades dessas coisas gostosas, quando estive durante dez anos como embaixador compulsório do povo brasileiro pelas quebradas da vida!

A melhor cachaça do mundo é de Salinas. Qualquer cachaça de lá é boa. É a capital mundial da pinga.

Salinas, toda calçada de lajedões, era única para mim. Hoje o *progresso* chegou e o asfalto e os bloquetes tomaram conta do piso da cidade.

Não resta dúvida que ficou mais confortável. Mas, que era bonito e bucólico, ah! isto era, sim, senhor!

Luz elétrica, de grande usina hidroelétrica, no meu tempo de menino, não havia não! O que havia era turbina dirigida pelo mestre Bião. A velha e boa usina criada pelo "Seu" Nezinho Cunha, o nosso Einstein local, que revelou também o talento científico dos salinenses e sua vocação para os inventos. Quebrava bem o galho e era muito romântica. Ligava somente à noite por umas poucas horas, e antes de desligar, dava três sinais para prevenir o povo a realizar tarefas rápidas e imprescindíveis antes de dormir.





Eu gostava imensamente de ficar acordado até depois de apagada a luz da usina, para ver a luz do céu, estrelado, maravilhoso.

Geralmente fazia, entre menino e adolescente, diversas travessuras, como enrolar pedras em papel de jornal, para pegar diversos fregueses assíduos que sempre nos prestigiavam com chutes de craques, seguidos de exclamações e palavrões:

- Puta que pariu! Quebrei meu dedo!

- Fi duma égua! Me pegou outra vez!

Ou amarrar grossos cordões de um lado ao outro da rua, para ver as pessoas tropeçarem. E sempre tropeçavam.

E lá dentro de casa, olhando pelas gretas da janela, a satisfação sádica do menino que nunca teve nada que reclamar de sua infância (só o povo que parece que tem!).

Fico lembrando-me de seu Otávio Magalhães, petebista dos antigos, getulista apaixonado e precursor das ligas operárias do Brasil. Ele foi um lutador incansável e discursava para os jovens e crianças falando da causa trabalhista. Como isto está hoje tão presente em mim! Obrigado, Otávio! Estou seguro que você vive agora entre os anjos socialistas, inspirando-nos com suas vibrações de justiça social!

Como tem história, minha querida Salinas! E como as malditas oligarquias teimaram em ocultar e menosprezar essa história durante tanto tempo! E ainda tentam passar por cima dela

com o trator macartista...

Talvez Salinas seja o retrato de milhares de pequenos municípios brasileiros. Daí talvez possamos fazer uma leitura da ignorância dos dominadores deste imenso país.

Abdênago Lisboa, agrônomo, escritor, pregador protestante, foi o nosso Anton Makarenko. Pedagogo incrível, credito a ele as primeiras influências sobre minha formação acadêmica. Só um pecado: detestava futebol. Mas isso também teve seu lado bom, porque ele foi o pioneiro do atletismo em Salinas, e, todas as vezes que iam fazer mais uma laje no prédio da Escola Agrícola, que construímos com nossas mãos, ele arranjava um torneio olímpico e convidava o povo todo, que concorria em massa, para ajudar no mutirão da laje, comer o arroz com carne e participar da olimpíada local.

Ficamos durante um ano, chorando para o Dr. Abdênago nos ajudar a construir um campo de futebol, com a sua teimosa negativa em atender nosso pedido.

Fizemos sozinhos, mas o campo ficou cheio de tocos e pedras, de altos e baixos. Todos os dias tinha um na enfermaria com o dedão arrebentado por chutar toco.

Um dia, ao passar pelo local ele nos xingou, nos chamou de idiotas e incompetentes, que nem para fazer certo o local da prática de um esporte tão primitivo, não tínhamos capacidade.

Entrou em campo, reuniu os dois

times e a torcida. Devíamos ser umas setenta pessoas. Mandou que buscássemos ferramentas, enxadas grandes e enxadinhas de horta, carrinhos de mão, etc.

Formou dois grupos de trinta pessoas e colocou cada um numa das linhas de fundo. Ficou no centro do campo e estabeleceu as regras:

- Cada time vai arrancar toco e recolher pedra e torrões até o meio do campo. A partir do meio do campo até a linha de fundo contrária vai destruir montinhos e tapar as partes irregulares, qualquer buraco.

Depois eu vou ver quem venceu!

A partir dessa lição construímos nosso campo, coletivamente, inventando tudo o que era possível para fazê-lo da melhor maneira. E começamos a perceber a força pedagógica daquele homem obstinado.

Músicos, poetas, escritores, Salinas foi e ainda é um grande celeiro deles todos.

Comunistas, que eu saiba, só teve três: eu, Apolo Lisboa (filho de Abdênago) e Cássio Ramos! Talvez tenham surgido outros, depois de nós.

Olha, não é saudosismo não, mas, minha terra tem história, sim, senhor.

O progresso ainda é avassalador, mas é preciso que não atropela a vida e não faça dos mais humildes pasta de alimento para os poderosos, no caminho da falaciosa globalização.

Todo progresso sem a inclusão dos humildes é atroz, é falso, é farsa.

É isso que exigimos para aquela terra linda que apesar de ter substituído o fitó pela luz elétrica e ter trazido o asfalto para o lugar de nossas estradas poeirentas, as massas de pobres que transitam às suas margens continuam em igual situação que antes, só que agora em maior número.

A luz do morro fulgurante, azulada ou esverdeada, movimentando-se, aumentando e diminuindo de tamanho, o povo todo vendo, animado, tentando descobrir o que era, mas, ao mesmo tempo, desejando manter o mistério, me impressionava. Aquela luz praticamente desapareceu da Serra da Sinhaninha, e, com ela, um belo e raro espetáculo

de socialização, proporcionado pela natureza ao povo da minha cidade natal, a minha ponte entre a Via Láctea e Andrômeda, Salinas.

Por ser a capital mundial da cachaça, Salinas pode se orgulhar de produzir uma bebida que é reconhecida por todos os seus usuários como um produto de altíssima qualidade, resultante de uma ética empresarial que está em suas raízes, nas entranhas de seu povo rural, simples, hospitaleiro como nin-guém, e sério no trabalho.

De histórias como a do telegrafista que escondeu os telegramas depois de provar da Pirajibana, observamos que ainda restam os anéis depois de ca-írem os dedos, como reza o di-tado popular do nosso Vale do Jequitinhonha.

O homem viajava numa *jardineira*, há muitos anos atrás, na estrada de terra, rumo a Salinas, para ocupar o posto de telegrafista, que estava vago há quase um mês.

As fortes chuvas de janeiro provo-caram vários atoleiros, e num deles fi-cou presa a nossa simpática *jardineira* que, duas vezes por semana, transpor-tava os passageiros de Montes Claros a Salinas.

Todas as tentativas foram inúteis para desatolar a mocinha. Chovia muito e a situação só ficava pior. O jeito era todo mundo descer - eram apenas seis passageiros - e buscar abri-go numa bonita casinha rural, que es-tava a poucos metros dali.

A hospitalidade salinense logo se fez presente. Todo mundo chegou para a cozinha, perto do fogão de le-nha, da humilde mas solidária família.

O dono da casa e sua esposa ofe-receram pousada aos passageiros da *jardineira*, dizendo que ali era pobre, mas que tudo estava à disposição de-les.

A mulher providenciou imediata-mente a matança de uns frangos e começou a preparar também arroz e feijão com pele de porco.

Coou café forte e todos tomaram, agradecidos.

Nisso, o telegrafista divisou uma garrafa de cachaça Pirajibana, bebida da melhor qualidade, fabricada pelo



finado Ney Corrêa.

O homem perguntou se podia tomar uma dose para assustar o frio. O dono da casa ofereceu-lhe uma talagada que ele tomou satisfeito entre exclamações:

- Posso tomar mais uma?

Tomou, parou um pouco, fazia quase um gargarejo com aquele líquido dos céus. Caminhou uns passos até a varandinha da casa, voltou e comentou:

- É muito boa! É daqui? Aqui faz pinga assim?

Dali a pouco o jantar estava servido: galinha ensopada, arroz e feijão com toucinho. Uma delícia de comida.

O telegrafista comia e agradecia, entre golinhos de Pirajibana, sorvidos com suavidade e discretos estalos de língua.

Que maravilha! Excelente! - dizia.

Todos foram dormir, a maioria em esteiras, pois não havia tantas camas na casa.

Noite de relaxamento to-

tal, com a ajuda da milagrosa cachacinha.

No dia seguinte bem cedo, o telegrafista foi o primeiro a acordar. Banhou o rosto e foi direto pra cozinha. Abriu a garrafa de Pirajibana, despejou no copo, lavou a boca com um gole e engoliu.

A dona da casa trouxe-lhe uns pedaços de mandioca cozida, que ele comia alternando com os goles da *marvada*.

A chuva continuava. O telegrafista agradecia, a cachaça descia. O dia todo. A hora do almoço a mesma coisa, arroz, a deliciosa galinha ensopada, e feijão com pele. E para esquecer, cachaça, a divina Pirajibana.

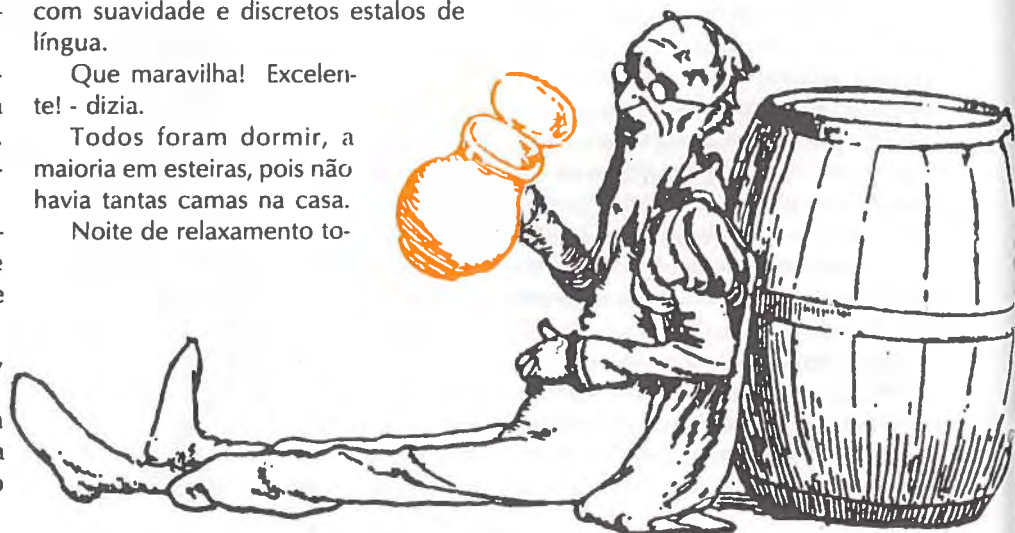
À noite, o nosso registrador de mensagens já estava totalmente bêbado, não sabia onde se encontrava e o que estava fazendo ali. A única coisa de que sabia era da cachaça, aquela bela feiticeira pela qual já estava totalmente apaixonado.

No dia seguinte o sol apareceu, sendo providenciada, pelo dono da casa, uma junta de bois para puxar a *jardineira*.

O telegrafista continuava seu ritual com a turma de Baco. De manhã, como desjejum, novamente a boa cachaça com mandioca.

Acertaram as contas com o dono da casa, que não queria receber nada, mas acabou aceitando porque todos insistiram.

O telegrafista foi colocado na *jardineira*, com uma garrafa na mão, a qual levava à boca de vez em quando, para continuar molhando a goela e perse-



verar no apaixonado namoro.

A *jardineira* parou em frente ao Hotel Coêlho, o único da cidade, de propriedade de seu Jimmy Coêlho, músico e maestro emérito, e sua mulher dona Energina.

Ajudaram a descer o telegrafista, que foi diretamente para o quarto, e no dia seguinte acordou perguntando pela boa e amorosa Pirajibana.

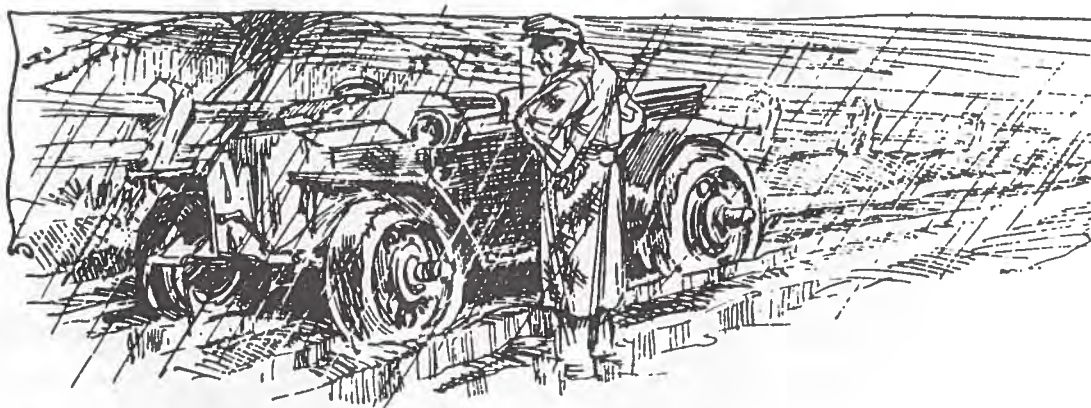
Foi para o prédio dos Correios, em companhia de seu Jimmy, e à hora do almoço ficou conhecendo o Bar do 7, do Rodrigoão, a língua mais afiada de Salinas. Rodrigoão, falante, boa praça, envolvente, provocador fino, começou a pôr o telegrafista a par de tudo e de todos em Salinas. As futricas, o comércio, os agiotas, os *pão-duro*, os ricos, os doutores, a mulherada, etc. O telegrafista, superinteressado, ouvia tudo, entre uma dose e outra, só da Pirajibana, por quem continuava perdidamente apaixonado e, dizem, que ela também, correspondendo àquele amor à primeira vista, tão leal e arrebatador.

O tempo passou. Já fazia um mês que o homem estava em Salinas e ninguém ainda havia recebido um único telegrama.

Aí sucedeu o inesperado. Delírio. O nosso mensageiro entrou em *delirium tremens*. Gritava, tentando assustar os macacos azuis, balbuciava sempre a Pirajibana. Fazia-lhe reiteradas declarações de amor, expressas com palavras e gestos de carinho. Deu bastante trabalho ao Dr. Osvaldo Santana, nosso médico de pés descalços, um sacerdote da medicina que cuidou de uma geração inteira de salinenses e não fez carreira nem riqueza com sua condição de médico. Dr. Osvaldo cuidou do telegrafista, como quem cuida de uma criança travessa, quando enferma.

Passados alguns dias, melhorou e, enquanto não voltava a beber, os mais curiosos quiseram saber por que não chegava nenhum telegrama a Salinas, ao que ele respondeu:

- Chegar, chega sim! Mas, eu achei



inútil entregar! Todos eles...

- Vão lá no meu quarto do hotel e olhem debaixo do colchão que vocês vão encontrar um montão de telegramas! E assim foi feito. Várias pessoas, entre elas o padre, o delegado, o médico, o Rodrigo, seu Ney Corrêa, foram lá no Hotel, e, sob o olhar atento de seu Jimmy e dona Energina, depararam com uma enorme quantidade de telegramas debaixo da cama do telegrafista.

Pegaram tudo e levaram até o hospital para conversar com o homem, que com toda cerimônia, se explicava da maneira mais lógica e humana possível.

A cada telegrama aberto, ele parava, olhava a todos e a cada um dos presentes e, em tom, ora solene, ora meditativo, ora eloqüente, ora triste, falava:

- Esse aí tá mandando dizer para a filha que vem com a esposa passar uns dias aqui.



- Imaginem quem vem aí: a sogra com o cachorro e o papagaio. Não dou esse tipo de notícia ao marido dessa jovem esposa. Vai acabar seu casamento.

- Olha esse outro, uma pessoa de Montes Claros pedindo dinheiro emprestado para fulano de tal. Ele é pão duro, não vai emprestar coisa nenhuma e se o fizer, agiota que sempre foi, vai arrebentar ele com os juros... Vai ficar pior do que está...

- Esse aqui tá parabenizando a família de ciclano pelo casamento do filho. Isto é sadismo! Casamento é força! Ninguém agüenta. É instituição falida...

- Veja que notícia mais triste: comunicado de falecimento por acidente. Parte o coração. Eu não posso assumir uma coisa dessas!

- Olha a piada: cobrança de honorários por serviços de advogado! Esse não paga nem fogo na roupa! Vai pagar advogado?

E assim, o nosso bom telegrafista que, com certeza, se transformara em anjo e não desejava ser o mensageiro das *más notícias*, tinha uma explicação pronta e cabal para as várias dezenas de telegramas que deixara de entregar.

Um homem deveras consciente.

Ao deixar o leito de convalescença, tomou a *jardineira* de volta ao lugar de onde viera, provavelmente sem saber que um dia passou por Salinas, a capital mundial da cachaça... a melhor cachaça do mundo. E que lá apaixonara-se por uma delas, a gostosa e sedutora Pirajibana.

(De *O Pirata Escarlate*)

José Antônio Prates é escritor e assessor da Câmara Legislativa do DF.